



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

APAGAMENTO NEGRO E RESISTÊNCIA EM ALLAH N'EST PAS OBLIGÉ

BLACK ERASING PROCESS, AND LITERATURE OF RESISTANCE IN ALLAH N'EST PAS OBLIGÉ

Olaci da Costa Carvalho¹

Resumo:

Transcorridos alguns anos do fim do processo de colonização indagamo-nos: as minorias sociais, em especial o negro, realmente adquiriram o status que é concedido ao homem branco? Este trabalho visa abordar essa questão tendo como recorte o discurso de Birahima personagem-testemunha na obra Allah n'est obligé, 2000, do escritor marfinense Ahmadou Kourouma. Busca-se evidenciar como ocorre o silenciamento negro através do espelhamento na figura do homem branco ocidental e, como Kourouma, mesclando a língua do colonizador (no caso, a língua francesa) e sua língua nativa, o malinké, pelo uso da sátira, mostra-nos, brilhantemente, como se fazer resistência a situações de imposições racistas muito próximas àquelas experimentadas no colonialismo, embora vivamos hoje no chamado período pós-colonial. Sob este aspecto, dentre outros, utilizaremos os conceitos de Fanon (2008) e Memmi (2007), bem como, autores que discutem a obra em análise, como Nascimento (2006), Ndiaye (2010), Adhikari (2015). Recorremos, ainda, aos conceitos de literatura de resistência de Bosi (1996) e à discussão de sátira em romances africanos de Asaah (2005).

Palavras-chaves: Apagamento negro. Resistência. Sátira. Allah n'est obligé.

Abstract:

A few years after the end of the colonization process, we still can ask ourselves: did social minorities, especially black people, really acquired the status that is granted to white men? This work is about this issue, and it is based on the speech of Birahima who is a character-witness in the work Allah n'est obligé, 2000, by the Ivorian writer Ahmadou Kourouma. The study tries to show how black silencing occurs through mirroring the figure of the white man western and, like Kourouma, mixing the language of the colonizer (in this case, the French language) and his native language, Malinké, through the use of satire, shows us, brilliantly, how to resist to the situations of racist impositions very close to those experienced in colonialism, although today we live in the so-called post-colonial period. In this regard, among others, we will use the concepts of Fanon (2008) and Memmi (2007)), and other authors who discuss the analyzed work, such as Nascimento (2006), Ndiaye (2010), Adhikari (2015). We also discuss Bosi's concepts of resistance literature (1996), and the discussion of satire in African novels by Asaah (2005).

Key words: Black erasing process. Resistance. Satire. Allah n'est obligé.

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara. Professor de Língua Francesa da Universidade Federal do Amapá. E-mail: olaci@unifap.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Considerações Introdutórias

Transcorridos alguns anos do processo de colonização indagamo-nos: as minorias sociais, em especial a figura do homem negro, realmente adquiriram o status que é concedido ao homem branco?

Para ponderar sobre essa questão escolhemos como recorte a obra *Allah n'est obligé*², do escritor marfinense Ahmadou Kourouma, como forma de evidenciar como se dá o silenciamento negro através do espelhamento na figura do homem branco ocidental e, como Kourouma, mesclando a língua do colonizador (no caso, a língua francesa) e sua língua nativa, o *malinké*, pelo uso da sátira, mostra-nos brilhantemente como se fazer resistência a situações de imposições racistas muito próximas àquelas experimentadas no colonialismo, embora vivamos hoje no chamado período pós-colonial. Cenário em que, de forma preocupante, ainda observamos, além de ataques racistas, incursões homofóbicas e misóginas, dentre outros, numa tentativa de cerceamento de algumas classes sociais.

Cerceamento que Kourouma vivenciaria quando da publicação de seu primeiro romance, *Les soleils des indépendances* (1968), rejeitado pelas grandes editoras francesas, uma vez que sua maneira singular de escritura foi compreendida, inicialmente, como emprego de um “mal francês”, para, em seguida, ser laureado como obra-prima da literatura francófona e reeditado, inclusive, por àqueles que o haviam recusado, conforme aponta Ndiaye (2006, p.78) “a crítica mudou de ideia ao descobrir que não era um ‘mal francês’ que Kourouma propusera ao leitor, mas, ao contrário, seu talento consistia em ‘escrever o malinké em francês’”. Estratégia de estilo de escritura, intercalando o francês e o *malinké*, que se reproduz em *Allah n'est pas obligé* justificando, o linguajar particular, às vezes vulgar e de sintaxe livre, apresentado na obra.

Birahima é uma criança que tem entre dez ou doze anos, que vive no vilarejo de Togobola, na Costa do Marfim. Menino de rua, rebelde e órfão, após a morte de sua mãe deve partir em busca de sua tia *Mahan*, que mora na Libéria, segundo as leis dos *Malinkés* torna-se a segunda mãe de *Birahima*, ou seja, sua tutora. Embora apareça pouco, *Mahan* é a força motriz que impulsiona *Birahima*, uma vez que sua trajetória é ditada pela busca desta.

Ao longo do trajeto, ele é acompanhado por *Yacouba*, um falso feiticeiro e seu protetor, conhecido como multiplicador de dinheiro. São encurralados por crianças-soldados, entram para grupos militares, vivenciam toda sorte de atrocidades como mortes, drogas, estupros para em seguida, atravessarem as “repúblicas corrompidas” da Costa do Marfim e da Serra Leoa, sob domínio de loucos ditadores que comandam guerras tribais.

No final de seu percurso, após finalmente encontrar sua tia morta, vítima de malária e enterrada em vala comum, retorna ao país natal, porém antes ganha quatro dicionários: *Larousse*, o *Petit Robert*, o *Inventário de particularidades lexicais do francês da África negra* e o dicionário *Harrap's*. De posse desses dicionários decide contar sua vida.

² Todos os trechos de obras em língua francesa foram por nós traduzidos. Optamos, também, por guardar os nomes das personagens da obra *Allah n'est pas obligé* no original.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Como falar de atrocidades?

A escolha de Kourouma para narrar as atrocidades trágicas dos conflitos, que serão descritos, é vivenciá-los como testemunho pelo ponto de vista de uma criança-soldado. Dessa forma, o narrador homodiegético, apresenta-nos o tema de guerras tribais pela perspectiva sem filtro de uma criança. Narrador-testemunha, implicado no seu tempo e nos espaços que o cercam, teria a tarefa política de lutar contra o esquecimento de maneira a evitar a repetição dos tais horrores (NASCIMENTO, 2010). Escolha narratológica que permitirá a Kourouma escancarar de maneira nua e crua tais atrocidades por meio de uma literatura de resistência. Nesse sentido, Bosi (1996, p.15) ressalta que “Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio”. Dessa maneira, *Birahima* ao encarar a tarefa de narrar a resistência *malinké*, proporciona aos subalternizados os meios para que estes manifestem-se e não sejam calados, ainda que, segundo ele, não se expresse bem em francês.

E por que reconhecer-se como alguém que fala mal o francês e por isso considera-se um “p’tit nègre³”? Na visão de Adhikari (2015, p.12) seria não só “uma maneira de contextualizar e preparar o leitor para aceitar o que ele tem a dizer, corrigindo uma noção pré-estabelecida sobre a criança africana que esse leitor possa ter em mente”, mas de associação do termo a todos àqueles que como *Birahima* não falam bem a língua francesa e, principalmente, de lembrança da imposição colonial “se a gente fala mal o francês, dizem a gente fala p’tit nègre, a gente é p’tit nègre de qualquer maneira” (KOUROUMA, 2000, p.7)⁴. A esse propósito, Ndiaye (2006, p.85) evidencia que a expressão “dizem (on dit)” remeteria ao discurso de imposição colonial e os preconceitos desse “discurso anterior”, longe de cessarem na época atual, que denominamos pós-colonial, são reatualizados pelos mais diversos discursos correntes do cotidiano.

Como dá-se o silenciamento?

O silenciamento negro manifesta-se de inúmeras formas. Muitas das vezes, é legitimado pela figura do branco europeu colonizador. É o caso da tia de *Birahima*, *Mahan*. Teve os filhos arrancados de si e entregues à guarda do seu primeiro marido por transgredir, segundo o “comandante branco da subdivisão” (KOUROUMA, 2000, p. 31)⁵, os direitos da mulher. Direitos que, entre outras coisas, seriam de se submeter ao marido mesmo se espancada e ameaçada de morte. A obliteração da mulher negra, nesse caso, pelo ex-companheiro é validada pelo poder branco que garante direitos ao opressor.

³ A palavra p’tit nègre pode ser traduzida como neguinho, mas também refere-se a pessoas que falam mal o francês.

⁴ si on parle mal le français, on dit on parle p’tit nègre, on est p’tit nègre quand même.

⁵ commandant blanc de la subdivision



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O silenciamento também advém de um espelhamento no mundo do branco em detrimento às suas próprias origens negras africanas. Há um desejo do negro em querer ser branco (Fanon, 2008), entendido que o branco é o ser humano e o negro também o quer ser humano, logo branco. Vejamos um desses momentos, na narrativa de *Birahima*, em que os negros de Serra Leoa tentam solucionar a desordem e o caos instalados no país pós-independência:

Desde que os pretos negros indígenas tiveram a independência e o direito de voto, eles conduziram ao poder o único preto negro africano do país que era universitário, o único que possuía uma graduação em direito. Ele se chamava Milton Margai e isso havia casado com uma inglesa branca para mostrar a todo mundo que ele tinha definitivamente rompido com todas as suas maneiras, todas as características dos negros pretos indígenas e selvagens. (KOUROUMA, 2000, p. 162)⁶

Os negros depositam suas esperanças em dos seus por este ser o detentor de escolaridade superior, logo “aquele com mais capacidade” de conduzi-los a um destino melhor, uma vez que o “preto é o selvagem enquanto que o estudante é um ‘evoluído’” (FANON, 2008, p. 73). Entretanto, *Milton Margai*, para prová-lo ser digno dessa condução, esforça-se por se libertar de todos e quaisquer traços que possam associá-lo a um *preto negro indígena africano* (ainda que ele descenda dessa raça) e, conseqüentemente, de associá-lo a um ser *inferior*, incapaz de governar por ser um *selvagem*. A primeira ação é esposar uma inglesa branca para não ser “reconhecido como negro, e sim como branco. Ora [...] quem pode proporcioná-lo, senão a branca?” (Ibid., p. 69). Ao ser amado por ela, ascende à civilização branca e torna-se um *evoluído*.

Espelhamento no mundo branco ocidental que também se realiza por conveniência, quando se visa obter vantagens e prestígio, ainda que para isso reneguem-se as origens negras. A irmã gêmea do ditador *Samuel Doe*⁷ chamava-se *Onika Dokui*, quando do complô que elevou *Samuel Doe* ao poder, foi nomeada sargento no exército liberiano e passou a se intitular *Onika Barclay Barclay* pelo simples fato de soar “negro preto afro-americano”. Ser *afro-americano* na Libéria daria um certo prestígio, seria muito melhor do que ser de origem nativa, de ser associado ao “negro preto africano indígena”. Ainda que negra, ser afro-americana a aproximaria do padrão branco ocidental.

Ainda no plano do apagamento negro, uma das formas mais inquietantes dessas tentativas de silenciamento dá-se quando este ocorre entre a própria raça negra. O negro tenta *ser menos negro* que outro negro. Por sua origem, status hierárquico, social ou financeiro considera-se mais *evoluído* que outros negros. Kourouma (2000, p. 162) enfatiza essa superioridade hierárquica de negros em relação a outros negros em Serra Leoa:

⁶Dès que les noirs nègres indigènes eurent l’indépendance et le droit de vote, ils amenèrent au pouvoir le seul noir nègre africain du pays qui était universitaire, le seul qui possédait une licence en droit. Il s’appelait Milton Margai et ça s’était marié à une Anglaise blanche pour montrer à tout le monde qu’il avait définitivement rompu avec toutes les manières, tous les caractères des nègres noirs indigènes et sauvages.

⁷ Antigo sargento liberiano que ascendeu ao poder por um golpe de estado fuzilando membros do antigo regime e se autoproclamando General.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

primeiro os sujeitos britânicos que compreendiam os *toubabs* colonos colonialistas ingleses e os *créoles* ou *créos*; em seguida os sujeitos protegidos constituídos pelos pretos negros indígenas selvagens do mato. [...] Os pretos negros indígenas trabalhavam como animais selvagens. Os créos tinham os empregos do quadro da administração e de estabelecimentos comerciais. [...] Os créoles eram negros pretos ricos inteligentes e superiores aos pretos negros indígenas e selvagens.⁸

Ressalte-se que *ser menos negro*, como nesse caso, identifica-se pela proximidade ao branco (FANON, 2008). Os *créoles* são tomados como superiores por estarem mais próximos dos britânicos *toubads* do que dos *pretos negros selvagens*. Distinção que pode ser observada, inclusive, no plano sintático. Kourouma faz um jogo com as palavras. Os créos são identificados como *nègres noirs* (negros pretos) enquanto que os *selvagens* são denominados *noirs nègres* (pretos negros), embora esse jogo de palavras nos pareça mais uma bela crítica de Kourouma, uma vez que o termo *nègre*, em francês atual, é injurioso e racista.

Quase no final da busca por sua tia, *Birahima* fica sabendo de um fato extraordinário que ocorre na Libéria e em Serra Leoa:

Todos os africanos, indígenas, negros selvagens de seus países, mais os negros americanos racistas da Libéria, mais os créos de Serra Leoa tinham se unido todos contra os Malinkés, os Mandigos. Eles queriam expulsá-los da Libéria e de Serra Leoa. Eles iam expulsá-los de onde eles viessem: da Guiné, da Costa do Marfim ou da Libéria. Eles queriam expulsá-los ou massacrá-los todos por racismo. (KOUROUMA, 2000, p. 206-207)⁹

Notam-se, perigosamente assim, com relação a certas populações negras africanas, discriminações, obliterações, por vezes até, tentativas de eliminação, fatos escancarados pelo discurso de *Birahima* para que sejam conhecidos e combatidos.

Contundo, a forma mais brutal de silenciamento decorre da opressão por tiranos africanos. Figuras, notadamente denunciadas por Kourouma, que provocam o atraso do continente, sendo desprezadas por *Birahima*, que as nomeia de “bandidos”, aparecem na obra denominadas como os “Senhores da guerra”. Bandidos que usurpam, matam, pilham e utilizam das formas as mais cruéis possíveis para calar seus adversários, mas, principalmente, calar o povo indefeso.

⁸ d’abord les sujets britanniques qui comprenaient les toubabs colons colonialistes anglais et les créoles ou créos ; et ensuite les sujets protégés constitués par les noirs nègres indigènes sauvages de la brousse. [...] Les noirs nègres indigènes travaillaient dur comme des bêtes sauvages. Les créos tenaient les emplois de cadres dans l’administration et les établissements commerciaux. [...] Les créoles étaient des nègres noirs riches intelligents supérieurs aux noirs nègres indigènes et sauvages.

⁹ Tous les Africains, indigènes, noirs sauvages de ces deux pays, plus les noirs américains racistes du Liberia, plus les noirs créos de Sierra Leone s’étaient ligués tous contre les Malinkés, les Mandingos. Ils voulaient les foutre dehors du Liberia et de Sierra Leone. Ils allaient les foutre dehors d’où qu’ils viennent: de la Guinée, de la Côte-d’Ivoire ou du Liberia. Ils voulaient les foutre dehors ou les massacrer tous par racisme



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Ditadores inescrupulosos que corroboram para que o subalterno continue obliterado, uma vez que para escapar de suas condições políticas e sociais desfavoráveis são forçados a colocar-se a serviço do usurpador. Situações não muito distantes àquelas vividas durante o processo de colonização. A esse propósito, Memmi (2007, p. 122-123) nos mostra que “assim se degradam, uma a uma, todas as qualidades que fazem do colonizado um homem. E a humanidade do colonizado, recusada pelo colonizador, torna-se de fato, para ele, opaca”.

Como fazer resistência?

Para combater essas tentativas de silenciamento, a resistência é feita pelo chamamento de todos ao diálogo. *Birahima* deixa bem claro que seu “blablabla” será ouvido “por toda espécie de pessoas: toubabs (toubab significa branco) colonos, negos indígenas selvagens da África e francófonos de todo gabarito (gabarito significa gênero)”¹⁰ (KOUROUMA, 2000, p. 9), incluídos, nesse contexto, o próprio leitor e todos os racistas. O diálogo é estabelecido pela língua do colonizador, antes tida como elemento de opressão colonial, passa a ser o veículo de combate e de resistência. Escrita, em francês, que permitirá a *Birahima* não somente, revelar prejulgamentos, mas, sobretudo combater os discursos de imposição alienantes.

Outra escolha de Kourouma para fazer resistência face ao drama vivenciado pelas crianças-soldados na história sociopolítica da África é contá-la pela falsa ingenuidade de *Birahima* mediante um processo de satirização dos “Senhores da guerra”. Asaah (2005, p. 133) evidencia que pela sátira “o escritor satírico tende a se distanciar dos alvos de seu ataque como os tiranos, a estupidez humana e os males sociais para melhor estigmatiza-los”¹¹.

Hightet (1962, p.18 apud ASAAH, 2005, p. 133) afirma que o escritor satírico recorre frequentemente as mais variadas armas como o exagero, a caricatura, a paródia, a violência verbal, a obscenidade, uso de expressões familiares, paradoxos, passagem do sublime ao ridículo, enfim, todos os recursos que possam tornar a escrita resistente através do sarcasmo utilitário.

Recursos que são empregados por Kourouma numa forma de deslocamento da linguagem de sua ordem natural, visando que todas as restrições e todo o sistema hierárquico, marcados por desigualdades sociais, sejam revogados por uma inversão de valores, o que conduziria a um processo de mudança, de renovação, e, por consequência o restabelecimento da verdadeira vida do africano. Nesse sentido, Bosi (1996, p. 23) ressalta que:

A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida.

¹⁰ par toute sorte de gens : des toubabs (toubab signifie blanc) colons, des noirs indigènes sauvages d’Afrique et des francophones de tout gabarit (gabarit signifie genre).

¹¹ l’écrivain satirique tend à s’éloigner des cibles de son attaque comme les tyrans, la sottise humaine et les maux sociaux pour mieux les stigmatiser



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Kourouma utiliza inúmeros desses recursos. Uma das formas mais usuais de ridiculização é apresentar os personagens por suas descrições físicas ou morais de maneira caricatural. Por exemplo, “O *Prince Johnson*¹² era o terceiro bandido usurpador [...] Mas era príncipe, quer dizer um bandido simpático, porque ele tinha princípios. Sim então, grandes princípios.¹³ (KOUROUMA, 2000, p. 130). Assim, temos bandidos que se intitulam príncipe por ter “princípios”, religiosas que fazem amor, assemelham-se a homens e que escondem metralhadoras sob a batina. Descrições picaresca que enfatizam bem o pandemônio e a anarquia instalados pelas guerras.

Há todo um processo de ridicularização pela valoração que os “Senhores da guerra” atribuem ao uso de amuletos para se protegerem das balas inimigas. *Papa le bon*¹⁴, por exemplo, personagem extremamente sanguinário, porém intitulado de bondoso por ajudar crianças de rua para, em seguida, transformá-las em crianças-soldados (ênfase-se mais uma vez a sátira caricatural), acredita-se invencível, mas é atravessado por balas, embora coberto de fetiches de seu protetor, o falso feiticeiro *Yacouba*. Situação ironizada pelo discurso de Birahima. *Yacouba* era um enganador e sabia que os fetiches não protegeriam *Papa le bon*, entretanto serve-se de subterfúgios para explicar sua morte e não perder seu prestígio de “grande” feiticeiro.

Asaah (2005, p. 9) aponta que muitos autores africanos optam pela denúncia satírica das classes opressoras por um interesse particular ao emprego da zoomorfixação¹⁵. Recurso, também, identificável na obra *Allah n'est pas obligé* para ironizar forças tirânicas que impõem condições tão severas nas guerras tribais chegando ao ponto de considerar os animais mais humanos que os próprios seres humanos:

Nós deixamos Kik aos humanos do vilarejo enquanto que Sarah havia sido abandonada aos animais selvagens, aos insetos. Quem dos dois tinha a sorte a mais desejável? Certamente não Kik. É a guerra civil que quer assim. Os animais tratam melhor os feridos que os homens” (KOUROUMA 2000, p.94)¹⁶.

A palavra *cachorro*, por exemplo, aparece repetidas vezes para se referir a uma forma de sujeição “Todo mundo gritou e latiu como cachorros enraivecidos...” (Ibid., p.28) ou ainda “Ela permaneceu deitada durante três dias, o quarto dia ela morreu como um cão.” (Ibid., p. 218). Para Asaah (2005, p. 141), esse rebaixamento dos sujeitos ao estado de cachorros, pelos

¹² Dissidente do National Patriotic Front of Liberia, comandado por Charles Taylor, chefou o movimento Independant National Patriotic Front of Liberia e executou Samuel Doe em 1990.

¹³ Le Prince Johnson était le troisième bandit de grand chemin [...] Mais c'était un prince, c'est-à-dire un bandit sympathique parce qu'il avait des principes. Oui alors, de grands principes.

¹⁴ Sanguinário coronel que comanda o campo Zorzor em território liberiano.

¹⁵ O zoomorfismo ocorre quando “o que é próprio do homem se estende ao animal e permite, por simetria, que o que é próprio do animal se estenda ao homem.”(Antonio Candido, De Cortiço a Cortiço, Novos Estudos CEBRAP, 1991).

¹⁶ Nous avons laissé Kik aux humains du village alors que Sarah avait été abandonnée aux animaux sauvages, aux insectes. Qui des deux avait le sort le plus enviable ? Certainement pas Kik. C'est la guerre civile qui veut ça. Les animaux traitent mieux les blessés que les hommes.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

torturadores, facilitaria a opressão e a subjugação das populações, associando ao encarceramento, à forma totalitária de condução pela coleira, o que, no imaginário popular, seria uma marca da servidão canina.

O próprio *Birahima* reconhece-se nesse estado animalesco. Na primeira vez que fuma haxixe ele vomita como um “chien malade” (KOUROUMA, 2000, p. 76)¹⁷, frequentemente lembra a todos que não é obrigado a tudo contar de sua “chienne de vie” (Ibid., p. 95)¹⁸, porém, em vez de contentar-se a essa situação de submissão, de obediência canina, revolta-se contra os cabrestos que o prendem num discurso contestatório, usando, inclusive, a própria imagem deste animal “Eu quis me tornar um pequeno lycaon¹⁹ da revolução” (Ibid., p. 177).²⁰

A revoltado é materializada satiricamente pela apropriação do termo depreciativo *cão* usado, agora, no sentido inverso. Os oprimidos empregariam a mesma palavra para questionar a autoridade moral e política dos opressores atribuindo-lhes a mesma denominação:

Se eles tratam os fracos de loucos e de cachorros, as vítimas, em um movimento de vingança, utilizam os mesmos termos depreciativos para os detentores do poder. Esta animalização do humano corresponde a um dos traços principais do romance africano pos-colonial que é marcado, segundo Florence Paravy, por símbolos hiperbólicos de desvio e de perversão bestial. (ASSAH, 2005, p. 143)²¹

É o caso da associação do termo, feita por *Birahima*, ao ditador *Prince Johnson* quando este ataca uma mina aurífera e de diamantes dos partidários de *Samuel Doe* “À sua maneira (o cão não abandona jamais seu modo desonroso de se sentar). Ele o faz com meios poderosos” (KOUROUMA, 2000, p. 144)²². Assim, os chefes de guerra são satirizados ao serem colocados no mesmo status de termos pejorativos atribuídos àqueles subalternizados.

Considerações finais

Resistir é preciso. O uso da sátira apresenta-se, então, como forma ostensiva de escrita resistente. Os ataques virulentos, exagerações caricaturais, uso de palavrões não são fortuitos visam, sobretudo, aviltar os vícios e prejulgamentos como forma de combatê-los e corrigi-los. Dessa forma, como aponta Bosi (1996, p. 27), a narrativa resistente desvela a vida verdadeira. “O espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente”

¹⁷ Cachorro doente.

¹⁸ Vida de cão.

¹⁹ O termo lycaon, na narrativa de *Birahima*, refere-se a cães selvagens que caçam em bando.

²⁰ J'ai voulu devenir un petit lycaon de la révolution.

²¹ S'ils traitent les faibles de fous et de chiens, les victimes, dans un mouvement de vengeance, utilisent les mêmes termes dévalorisants pour les détenteurs du pouvoir. Cette animalisation de l'humain correspond à l'un des traits principaux du roman africain postcolonial qui est marqué, selon Florence Paravy, par des symboles hyperboliques de dérive et de perversion bestial.

²² À sa manière (le chien n'abandonne jamais sa façon déhontée de s'asseoir). Il le fit avec des moyens puissants.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Faz-se necessário, também, o estabelecimento do diálogo de todos. Precisamos não só ouvir, mas fornecer os espaços para que o negro possa se manifestar, uma vez que o apagamento negro parece-nos estar longe de ser estancado ou amenizado. Mesmo em tempos pós-coloniais os exemplos de discriminação, preconceitos e opressão, quer sejam produzidos pelo branco ou pelo próprio negro, nos saltam aos olhos todos os dias, portanto faz-se constante o embate para possibilitar dignidade aos povos negros e às minorias desvalidas, pois, conforme nos mostra *Birahima*, se você “fala mal o francês” você está no mesmo barco.

Referências

ADHIKARI Foara Das Gupta. **Quando prolixidade é arte**: entendendo os romances francófonos africanos de Ahmadou Kourouma. Bakhtiniana. Revista de estudo do discurso. V. 10, N. 1. São Paulo, 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/issue/view/1386>. Acesso em 10/10/2017.

ASAAH, Augustine. **Satire, désordre, folie et régénérescence** : lecture de quelques romans africains. Présence Francophone: Revue internationale de langue et de littérature: V. 64 : N. 1, 2005.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Itinerários, N.10. São Paulo, 1996. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>. Acesso em 16/01/2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

KOUROUMA, Ahmadou. **Allah n'est pas obligé**. Paris. Éditions du Seuil, 2000.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2007.

NASCIMENTO, Flávia. **A ficção e seus outros**: história e testemunho em *Alá e as crianças-soldados*, de Ahmadou Kourouma. In DIAS, M e PITERI, S. (org.). **A literatura do Outro e os Outros da literatura**. São Paulo. Editora da UNESP, 2010. Disponível em <http://books.scielo.org/id/3mxq8>. Acesso em 23/05/2019.

NDIAYE, Christiane. **La mémoire discursive dans Allah n'est pas obligé ou la poétique de l'explication du « blablaba » de Birahima**. Études françaises. V. 42, N. 3: 77–96. Les Presses de l'Université de Montréal, 2006.